

ANO XXXI N°05 MAIO 2014

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 3, b) | Aut. G.P.A./C./RM/33/2012 | Taxe perçue | Poste Suisse Roma



Brasil

O carisma da unidade age e transforma

14 de março

A figura de Chiara cada vez mais reconhecida

Gen 3

O convite para trabalhar com toda a Obra

Renovar o pacto

Caríssimos, estamos ainda profundamente tocados por aquilo que Jesus realizou no nosso Genfest '90. [...]

Mas hoje também é Quinta-feira Santa, um dia especial onde muitas vezes, nos anos passados, nos sentimos envolvidos e intimamente impregnados por uma atmosfera especial, dulcíssima: a particular presença, sem dúvida, do Espírito Santo.

E não pode deixar de ser assim, porque hoje recordamos e revivemos, de modo condensado, muitos mistérios da nossa fé e do nosso Ideal. De facto, este é o *dia do amor*, porque tudo o que este dia recorda é amor.

É Amor o sacerdócio ministerial, instituído na distante Quinta-feira Santa, do qual o Santo Padre, na sua última carta aos sacerdotes para este dia, disse que não é uma instituição que existe «ao lado» do laicado, ou «acima» deste, mas que é «para» os leigos e, precisamente por isso, possui um carácter «ministerial», isto é, «de serviço» e, portanto, de amor concreto.

É Amor a Eucaristia, na qual Jesus se ofereceu completamente a nós.

É Amor a unidade, efeito do amor, que Ele invocou como hoje ao Pai.

É Amor o seu «Mandamento novo» que nos deixou. E é sobre o «Mandamento novo» de Jesus que gostaria de falar desta vez. Nós propusémo-lo no Genfest como uma grande chance para chegar ao mundo unido. Agora, todos, muito ou pouco, esforçar-se-ão para o atuar.

E nós, que estamos no coração da Obra, os seus membros mais internos, o que vamos fazer? A minha resposta é esta. Hoje, inicia-se o Tríduo Pasqual. São três dias solenes. Num destes, devemos encontrar um momento solene, no qual renovaremos entre nós, nos nossos centros, nos



© CSC arquivo

Rocca di Papa, 14 de junho de 1990. Saudação de Chiara no final da conferência telefónica.

nostros focolares, nos núcleos, nas unidades gen, nos grupos, onde for possível, aquele pacto que as primeiras focolarinas fizeram, quando declara reciprocamente: «Eu estou pronta a morrer por ti, eu por ti, eu por ti...». Nós sabemos-lo. Mas até esta pequena, grande coisa, não é sempre fácil: até nas estruturas fundamentais da nossa Obra se pode ter infiltrado o respeito humano. Talvez para alguns é mais fácil tomar estas decisões diretamente com Deus. Mas a nossa é uma espiritualidade coletiva, e não podemos traí-la.

Aquele pacto foi o marco do Movimento. Com ele, Jesus colocou-se entre nós. Portanto, encontremos o modo de o renovar. Depois, esforçemo-nos por viver em conformidade.

O tom espiritual elevar-se-á em toda a Obra e seremos, de um modo melhor, os primeiros operários de um mundo unido, como devemos ser.

O Ressuscitado estará mais resplandecente entre nós, com o seu Espírito, como requer a festa da Páscoa, que em breve iremos festejar.

Sem esquecer que amanhã, Sexta-feira Santa, recorda-se Jesus Abandonado, a chave divina que torna verdadeiramente possível que estejamos prontos a morrer uns pelos outros.

A todos, todos, uma boa, ótima Páscoa!
Que o Ressuscitado esteja connosco.

Chiara

Trechos da Conferência telefónica, Rocca di Papa, 12 de abril de 1990, publicado em *Sant'insieme*, Città Nuova, Roma, fevereiro de 1995, pp. 24-27

6º aniversário de Chiara

Um povo em caminho

Foi a primeira vez que se reuniu uma pluralidade de tradições religiosas, como fruto de um longo percurso de mais de 10 anos e que permitiu aprofundar o conhecimento recíproco, «que se tornou amizade e, depois, fraternidade»

«Chiara ajudou-nos a encontrar na nossa religião um ensinamento: fomos todos criados à imagem de Deus, e se assim é, amar o próximo significa amar a Deus. Hoje, este convite é dirigido a todos nós, para que nos unamos através das religiões, para nos unirmos em diálogo aos Focolares e à Igreja. É uma bênção poder estar aqui». Foram as palavras que Russ Pearce, hebreu de Nova Iorque, dirigiu à jornalista da Rádio Vaticana, durante uma conferência de imprensa, e exprimiam não só uma experiência pessoal, mas aquilo que foi vivido por todos os participantes no Congresso «Chiara e as religiões. Rumo à unidade da família humana».

O evento realizou-se em Castel Gandolfo e estiveram presentes 230 pessoas, entre hebreus, cristãos, muçulmanos, hindus, budistas, sikhs, xintoístas e seguidores da Tenrikyo. Também a proveniência foi variada: 32 países de quatro continentes. Nos últimos dez anos, os encontros inter-religiosos do Movimento, bilaterais, possibilitaram o aprofundamento do conhecimento recíproco. Este ano foi possível viver, todos juntos, um momento inter-religioso, que foi uma dádiva profunda de uns para com os outros. Durante os trabalhos, de facto, foram apresentadas as várias experiências de diálogo vividas por cristãos, respetivamente, com budistas, muçulmanos, hindus, hebreus,

nos vários contextos geográficos e socio-religiosos. A seguir, foram apresentadas experiências, relatórios sobre projetos comuns de colaboração e reflexões de pensamento. Um mosaico que mostrou a riqueza de um diálogo, que contribui para curar tensões étnicas e religiosas, para sarar o tecido social e para integrar comunidades em conflito.

Neste contexto, destacou-se com clareza o carisma de Chiara, expresso de modo eficaz pela professora Kala Acharya, da Índia, hindu: «[Chiara] queria que cada uma das pessoas com quem contactava pudesse beneficiar com a sua espiritualidade. Ela era como o fio de um colar: no colar temos as pérolas, mas se o fio não existir, as pérolas perdem-se. Ela foi como o fio do colar, que levou milhares de pessoas a viver em harmonia».

Não faltaram alguns momentos de dificuldades, mas o esforço de viver o



diálogo, como estilo de vida, durante muitos anos, permitiu vencer os possíveis obstáculos. Por outro lado, na conclusão do seu discurso de abertura, a Emmaus propôs «*fazer um pacto entre todos nós*» para alcançar a meta que – como dizia o título do Congresso – era a unidade da família humana.

No dia 19 de março, antes da audiência geral, uma delegação de vinte representantes do Encontro foi recebida na Casa Santa Marta pelo Papa Francisco, introduzidos pelo Cardeal Jean-Louis Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso. Num clima de família o Papa encorajou-os a «caminhar sem nunca parar».

No dia 20 de março, foi o evento público para recordar Chiara, na Aula Magna da Universidade Pontifícia Urbaniana. Além dos



19 de março de 2014. O encontro com o Papa Francisco

© L'Osservatore Romano

seja louvado pela dádiva de Chiara e do Movimento dos Focolares».

Seis representantes de várias religiões - hebreus, muçulmanos, hindus e budistas - apresentaram testemunhos impressionantes do diálogo, iniciado há mais de 30 anos, com Chiara e no seu espírito, num clima de profunda e visível fraternidade.

Waichiro Izumita, diretor do departamento dos jovens da Risso Kosei-kai, lembrou as palavras do fundador Nikkyo Niwano quando conheceu Chiara: «Ainda antes de nós nascermos, penso que já estava no projeto de Deus Buda que nos encontrássemos. Antes de encontrar as pessoas dos Focolares, pensava que era o único "louco" no mundo que queria enfrentar o grande problema da paz universal. Aqui, pelo contrário, eu encontrei um outro "louco" como eu». E Amer Al Hafi, vice-diretor do Royal Institute for Interfaith Studies da Jordânia: «Chiara fez-me ler o Alcorão com olhos mais puros e penetrar os seus significados com maior profundidade. Com ela compreendi que o Amor é a essência de Deus e a razão da Sua existência»

Constatamos que este é um diálogo que não tem como objetivo apenas a amizade e a convivência pacífica. Enquanto nos ajuda a compreender os outros na sua identidade mais profunda, faz-nos caminhar lado a lado com o outro em direção à meta que nos espera. Juntos somos um povo em caminho, em comunhão.

Christina Lee, Roberto Catalano

[[ver focolare.org](http://ver.focolare.org) para os vídeos dos discursos]



20 de março de 2014. Na Universidade Urbaniana

participantes nos dias precedentes, estavam mais 250 pessoas: autoridades eclesiais, diplomáticas e civis, representantes de outras religiões, protagonistas do diálogo no panorama romano e italiano. Após a participação da Emmaus sobre o diálogo instaurado por Chiara, o cardeal Arinze, – que foi presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso durante dezoito anos, – fez uma reflexão sobre o carisma de Chiara e sobre a colaboração do Movimento com o próprio Conselho Pontifício, concluindo: «Que Deus

14 de março de 2014

Chiara, companheira de viagem

Foram muitas as manifestações, no mundo inteiro, por ocasião do aniversário de Chiara. A sua figura e a força do carisma que Deus lhe deu é cada vez mais reconhecida a todos os níveis

Angola. As várias comunidades foram protagonistas desta jornada. Em Luanda reuniram-se 400 pessoas, entre as quais 150 crianças, amigos dos gen4. A nota característica foi o regresso de muitos, que se tinham afastado da Obra e se reencontraram «outra vez, em casa» – diziam. Muitos dos novos experimentaram a força do Carisma e querem continuar esta vida. Muitos jovens querem ser gen. **Em Lubango** a comunidade pensou ir festejar numa prisão, envolvendo na missa mais de 650 presos. Os nossos contaram: «Falámos do Ideal, lemos a Palavra de vida e partilhámos as experiências. Os presos e os dois sacerdotes que lhes dão apoio, ficaram tocados e pediram que se continuassem a fazer destes encontros». **Em todas as províncias**, as novas gerações foram protagonistas. Há uma força vital que explode por toda a parte. Pelas repercussões das 1448 pessoas presentes, que



continuam a chegar, notámos de modo forte que a santidade de Chiara chega a todos e arrasta muitos corações para Deus.

África do Sul. Na Universidade de Pretória, realizou-se o segundo «Memorial Lecture» por Chiara. Os presentes foram cerca de 100: católicos, anglicanos, reformados, luteranos e metodistas, entre os quais, o arcebispo de Pretória, William Slattery. O Dr. Kobus Gerber (secretário-geral da Igreja reformada holandesa), no seu discurso, disse que



Monterreal, Canadá



Kinshasa, Congo

estamos apenas a começar a descobrir a grandeza desta mulher extraordinária, que foi Chiara, e da sua espiritualidade, difundida no mundo inteiro. E salientou que, para fazer o ecumenismo, devemos aprender a «perder» aquilo que nos parece ser a nossa verdade absoluta, até ao pon-



Cidadela Maria Mai. O testemunho dos primeiros a viver o Ideal da unidade em Fontem

que caracterizaram a nossa unidade na diversidade. O bispo Khazzoum deu um testemunho em francês, traduzido simultaneamente em turco, que nos surpreendeu pela admirável síntese da figura de Chiara e da sua espiritualidade.

to de falar de modo explícito e profundo de Jesus Abandonado! Perguntaram-nos o que fazer para levar esta realidade de unidade aos nossos próprios ambientes. A resposta foi: trabalhar juntos. Pensou-se em organizar juntos a Semana de oração pela unidade dos cristãos.

Turquia. Em Istambul, uma celebração de carácter ecuménico contou com a participação de representantes das várias Igrejas de rito oriental, ortodoxas e católicas, que, no momento da oração, leram trechos do Evangelho nas próprias línguas. Estavam representantes do Patriarcado ecuménico, o p. Vissarion, um representante do Patriarcado arménio apostólico, do vigário patriarcal siro-jacobita, siro-católicos e arménio-católicos. Estavam presentes dois bispos: D. Louis Pelâtre, latino, e D. George Khazzoum, arménio-católico, que participou recentemente no encontro dos Bispos em Castel Gandolfo, que nos recebeu com alegria e generosidade na sua igreja de Taksim, dedicada a São João Crisóstomo. Além da comunidade da Obra estavam presentes religiosas e religiosos e algumas pessoas novas. Foram momentos



Trento. Luce Ardente com D. Luigi Bressan

Brasil. Em Porto Alegre foram realizados dois eventos: a mostra itinerante «Chiara Lubich: protagonista de um tempo novo», na Câmara municipal de Porto Alegre, e a inauguração da Rua Chiara Lubich, transversal de uma das mais importantes avenidas da capital, entre uma área em expansão e um bairro pobre, onde está



localizada a AFASO (Associação Famílias em Solidariedade), obra social do Movimento dos Focolares para o atendimento de crianças em situação de vulnerabilidade social. No seu discurso, o Arcebispo emérito D. Dadeus Grings sublinhou que, quando se dá o nome de uma pessoa a uma rua, deseja-se pôr em relevo o papel, a importância e os valores que esta pes-



Porto Alegre, Brasil

soa oferece à sociedade. E fez votos de que esta rua seja um caminho de relacionamentos. Este evento foi feito em continuidade com o encontro «Fraternidade – princípio mobilizador, para responder juntos às perguntas das ruas» promovido em novembro passado pelo Movimento Político para a unidade, na Câmara municipal, no âmbito das manifestações de protesto juvenil contra a corrupção, que há seis meses ocupavam as ruas de todo o Brasil. Estavam mais de 100 participantes, vários políticos e muitos jovens, envolvidos num diálogo franco e aberto entre governo e sociedade. Foi um momento de forte consciência sobre a necessidade de ouvir os pedidos da sociedade para a conhecer, para dialogar, aprendendo o que significa atuar a proposta de Chiara: a fraternidade na política.

Oceânia. Em Melbourne, na Austrália, o bispo Greg Bennet apresentou Chiara como uma pessoa que «dançou com o amor de Deus na sua vida e atraiu outros no círculo da comunhão com Deus. Em pessoas como Chiara – disse – vemos já a imagem do divino, um modelo que nos ensina a ser construtores de pontes, a



Melburne, Austrália

irmos para além da nossa imaginação, com a capacidade de amar também os nossos inimigos». Na missa participaram 150 pessoas, desde quem vinha pela primeira vez até a quem tinha conhecido o Ideal ainda nos inícios dos anos '70.

República Checa. Na catedral de Olomouc, o arcebispo Jan Graubner, na homilia, citou Chiara incluindo-a ao lado das grandes figuras da Igreja, como S. João da Cruz e Santa

Teresa, que, como testemunhas e exemplos luminosos, com a obediência, fizeram emergir o seu Carisma.

Congo. Uma manifestação do diálogo vivido com cristãos católicos, evangélicos e com os muçulmanos. Foi esta a **jornada da Obra em Kinshasa**, com uma participação de 850 pessoas: resultado de um grande apreço recíproco e de amizade, construídos no tempo. Estiveram presentes fundadores e Presidentes nacionais de Comunidades protestantes, muçulmanas e de Movimentos católicos.

Itália. Nos dias 14 e 15 de março, precisamente em coincidência com o aniversário de Chiara, Trento recebeu a dádiva de hospedar Luce Ardente, com outros três monges e dois leigos budistas, acompanhados por alguns focolarinos de Bangkok e Chiang Mai. Toda a delegação esteve presente na missa na Igreja dos Capuchinhos, celebrada pelo padre Boaventura. Na conclusão, os monges quiseram fazer uma oração por Chiara. Foi comovente vê-los com o padre Boaventura, aos pés do altar onde Chiara e as primeiras focolarinas pediram que o Ideal pudesse chegar até aos últimos confins da Terra. Foi muito cordial a visita ao arcebispo Luigi Bressan: Luce Ardente, apertando na sua mão a cruz peitoral, salientou a importância do amor recíproco «para não deixar Jesus sofrer mais». No momento da partida, um dos monges disse-nos com comoção: «Somos uma única família!», exprimindo o que cada um tinha no coração.

a redação

[ver em [Mariapolionline](#) um resumo dos principais eventos, feito pelo Centro Chiara Lubich]



Catânia, Itália



Brasil

Uma revolução em ação

Emmaus Voce e Giancarlo Faletti, num país com as dimensões de um continente. Continua a história iniciada em 1958 e que viu muitas vezes a presença de Chiara

Enquanto escrevemos, a viagem da Emmaus e do Giancarlo ao Brasil estava para começar. Em 30 dias, de 22 de março a 22 de abril, vão percorrer este grande país, quase um continente, do Norte ao Centro sul, a partir do Nordeste, de Recife, que Chiara definiu como a «Belém da Obra», de onde tudo começou em 1958.

O programa é intenso: inicia-se com um evento cultural na Universidade Católica, para a inauguração da «Cátedra Chiara Lubich», isto é, a abertura de um novo curso de pesquisa e estudo sobre «Fraternidade e Humanismo» inspirados no seu pensamento e na sua vida. Em cada etapa, faz-se uma visita às obras sociais. Mas, antes de tudo, o diálogo com os membros do Movimento. Vai fazer-se um *zoom* na Mariápolis Ginetta sobre a Economia de Comunhão, o Movimento político para a unidade e organizações sociais, não apenas do Brasil, mas também da América Latina. E, em diálogo com os Bispos «efesinos», sobre a contribuição do Movimento à Igreja brasileira.

A expectativa é grande, não só para os brasileiros, mas também para a Emmaus, como ela

mesma repetiu muitas vezes. É a expectativa da revelação do mosaico que a Obra é chamada a construir hoje, no desígnio que Deus traçou para este país e para todo o continente latino-americano.

Vamos lembrar algumas passagens daquele discurso profético de 1969, quando Chiara identificou a vocação específica das várias regiões do mundo, para compor a unidade da família humana. Um discurso que permaneceu na história com o título: «O mundo a cores», pelo olhar iluminado pela luz do carisma, que se reflete nas sete cores do arco-íris. Não foi por acaso que foi dirigido aos gen, símbolo do presente e do futuro.

Um discurso que hoje, à distância de 45 anos, ressoa com grande atualidade. Naquela altura, o mundo era sacudido pela revolução cultural de 1968. Agora, o mundo atravessa uma profunda crise, em que muitos identificam uma «mudança epocal» em ação, com resultados ainda indefiníveis.

Chiara, naquela altura tinha assumido as exigências dos jovens. «Compreendo *as rea-*

Nas fotos ao alto, da esquerda para a direita: • Chiara em Recife nos anos 60 • A cidadela Santa Maria recebe a Emmaus e o Giancarlo



© Caris Mendes CSC

ções dos jovens. Existem muitos males», tinha reconhecido. E tinha definido a humanidade como «um grande Adão cheio de chagas» devido ao capitalismo selvagem, aos focos de guerra, à confusão de ideias, e muitos problemas sociais, desde a fome até as doenças. Tinha-o constatado pessoalmente nas muitas viagens aos EUA, ao Médio Oriente, a África, à Europa, à Argentina. E ao Brasil.

Chiara acompanhou com muito amor os primeiros passos do Movimento nesta terra. Ela foi ao Recife em '61, em '64, '65 e '66. Viu com os seus olhos as condições miseráveis dos que viviam nas *favelas*, em grande contraste com a riqueza dos casarões e arranha-céus que surgiam nesta cidade. No seu diário de '64 lê-se: «A fome e a sede de justiça é uma das bem-aventuranças que devemos sentir vibrar. Como é urgente a revolução do Evangelho!». Indicou os pobres como o objetivo do Movimento no Brasil. E foi por isso que, em '69, olhando para o continente latino-americano, o definiu como «o continente azul», precisamente porque ali percebeu o chamamento a compor em harmonia estas graves disparidades.

Poucos meses depois, no encontro anual internacional dos Delegados da Obra no Centro e nas Zonas, Chiara olhou outra vez para as várias áreas geográficas com aquela visão do mundo a cores, mas enriquecida pelas notícias dos desenvolvimentos que tinham amadurecido por toda a parte. Passando pela América Latina, onde já se tinham iniciado as primeiras obras sociais, e pelos primeiros frutos, viu «*garantido*

verdadeiramente aquilo que nós queríamos, isto é, que a América do Sul fosse um exemplo, para que possamos dizer: é assim que se resolve o problema social, é assim - está a tornar-se uma realidade».

Os Delegados de Zona, ao mesmo tempo, tinham em mãos a imprensa, com Città Nuova, e diziam: «Porém, não se pode fazer uma revolução sem a imprensa, porque é preciso que se difundam as ideias». «É isso» - concluiu Chiara - *Obras sociais e imprensa*.

A partir daquele momento, houve muitos desenvolvimentos, até se chegar à Economia de Comunhão, que não foi o último.

Neste mês vamos percorrer, com a Emmaus e o Giancarlo, as etapas desta «história sagrada», contemporaneamente com a nova página de hoje. Poderemos vivê-las através dos vários media. Uma novidade desta viagem: em cada zona visitada foram formadas equipas com os e as gen, que acompanharam os acontecimentos mandando notícias, fotos e vídeos às redes sociais. Assim, pode-se participar de tudo... em tempo real!

Carla Cotignoli

Para ler as notícias da viagem

Na *Mariápolis* online podem-se ver as várias etapas da viagem da Emmaus e do Giancarlo ao Brasil, documentada com fotos e vídeos: www.focolare.org/notiziariomariapoli



Comunidades na Amazónia

Em Abaetetuba, renasce a vida



Com o «Projecto Amazónia» volta-se a dar vida a paróquias e famílias. A partir dos jovens, renasce a comunidade

Estamos numa cidade próxima do rio Tocantins, que aqui se chama Marataúira, e mais à frente Jarumã. Tem 150 mil habitantes, dos quais 45% povoa as 72 ilhas que constituem a circunscrição do território de Abaetetuba. A diocese, guiada por D. Flavio Giovenale, hoje Bispo de Santarém, tem 50 anos de vida. Há 26 sacerdotes, distribuídos pelas seis paróquias espalhadas nesta parte da Amazónia.

A paisagem é de uma beleza incomparável: palmeiras de "açai" e de "buriti", frutos muito saborosos e exóticos, que só nestes lugares se podem provar. Onde parece que existe só a floresta desponta a cidade e os seus "abaeté", que na linguagem indígena *tupi*, quer dizer homens fortes, valentes e nobres. O Ideal de Chiara chegou aqui há mais de 30 anos e nas-

ceu uma grande comunidade, com todas as vocações: gen, voluntários, famílias e vários focolarinos, espalhados agora pelo mundo. Com o passar do tempo, Abaetetuba tornou-se uma cidade de passagem, pelo facto de que os e as gen4 e gen3 não amadureciam na Obra, porque no momento de passar para gen2 se trasferiam para Belém para prosseguir nos estudos. Este fenómeno entristecia a comunidade local. Parecia que já não nasciam vocações e por isso não se progredia.



Depois da morte de Chiara e com o impulso permanente de «dar preferência às novas gerações» as pessoas do Movimento disseram



a si mesmas: «Mas, nem todos se vão embora, muitíssimos jovens ficam. Fazemos qualquer coisa para os que ficam na cidade».

Assim, há 3 anos que também os membros internos de Abaetetuba, com alguns de Belém e da Mariápolis Ginetta, se lançaram no Projecto Amazônia: dez dias de visitas às casas, reuniões à noite para dialogar, conclusão com um dia aberto a todos, com a construção de relacionamentos pessoais.

Quais os frutos? Conseguiram abranger três paróquias, e visitaram-se cerca de 500 famílias e muitos destes relacionamentos estabelecidos permanecem de um ano para o outro.

Pouco a pouco, os internos redescobrem a beleza do carisma de Chiara e nascem inúmeras ideias. A primeira é a de pôr em evidência o encontro da Palavra de Vida, fazê-lo com regularidade, dando relevo às experiências dos que chegaram de novo. Isto provocou um grande envolvimento dos jovens, que descobrem algo pelo qual vale a pena dar a vida: Deus, a unidade. Muitos dos participantes vêm de longe. Um senhor pôs à disposição um autocarro que, mensalmente, leva todos para a reunião. Organizou-se de novo o grupo de jovens da paróquia, que agora funciona em pleno. Nas Igrejas, aumentou a participação de pessoas na Missa. Os párocos, que nos viam com pouca confiança, mudaram completamente e recebem-nos com grande alegria e

apreço. A Presidente do Conselho dos Leigos, antes de chegar o Movimento, dizia que estava preocupada com a diocese. Mas, quando soube do trabalho que os Focolares têm feito, reencontrou a esperança de ver a Igreja viva e cheia de frutos.

Agora, a comunidade encontra-se todas as quintas feiras com jovens e adultos juntos, para partilhar e programar as actividades. Quando os vamos visitar, encontramos pessoas alegres, confiantes e geradoras de vida ao Ideal. Cada dificuldade é enfrentada juntos, ajudando-se reciprocamente na sua resolução.

Nazaré Pereira, Mario Dias Feio

O «Projeto Amazônia» nasceu em 2005, envolvendo os membros do Movimento dos Focolares em todo o Brasil, com o objectivo de dar uma resposta concreta aos apelos da CNBB (Conferência episcopal brasileira), para uma acção de evangelização na região amazónica, carente de uma assistência espiritual devido à vastidão deste imenso território.

O projecto, desde a sua primeira edição, em 2006, suscitou um vivo interesse. Muitas pessoas da Obra puseram à disposição tempo e experiências, enfrentando até longas viagens.

Rumo à Assembleia

Trabalhar com toda a Obra

As propostas das gen3 para a preparação do encontro de setembro.
Extratos do diálogo que tiveram com a Emmaus.

«Ouvimos dizer que a Obra está a mudar e que em setembro vai haver a Assembleia. Também nós, ontem à tarde falámos disso, e encontrando-nos por grupos, elaborámos algumas propostas em relação ao mundo dos jovens adolescentes.

- O nosso desejo é difundir o Ideal e descobrir a maneira de chegar a todos os jovens, também aos que não acreditam. Gostaríamos de o conseguir, com a ajuda dos adultos. Por isso queremos crescer no diálogo e no relacionamento entre as diferentes gerações, melhorar o relacionamento com a comunidade local, de modo especial com os e as gen2.
- Queremos aumentar o diálogo com outras Associações e Movimentos e fazer acções concretas para o bem das nossas cidades.
- Gostamos muito da abertura que o Movimento tem para com todas as religiões, para se estabelecer um diálogo.
- Gostávamos de passar mais rapidamente à concretização do Ideal na vida.
- Fazer experiências entre jovens de culturas, nacionalidades e religiões diferentes, através de encontros internacionais como os Super Congressos, e estar em ligação com outros Países, evidenciando também o positivo dos jovens que não fazem parte do Movimento.
- Promover mais iniciativas no campo social com escala mundial; projectos concretos para todos os adolescentes; ir mais ao encontro dos outros, também dos mais necessitados».

Emmaus: «Vocês dizem: "Nós ouvimos dizer que a Obra está a mudar". Este "está a mudar" pode ser entendido de dois modos. Eu digo: sim, a Obra está a mudar, mas porque é que está a mudar? Porque está a crescer. Assim



como uma pessoa que, ao crescer, logicamente muda a fisionomia, muda o penteado, muda a medida dos vestidos, muda o estilo do vestuário, muda muitas coisas porque cresce, da mesma maneira também a Obra está a mudar. No entanto, uma pessoa, apesar de mudar, fica ela mesma [...] Assim acontece na Obra. A Obra muda, mas é a mesma. Portanto muda porque se desenvolve, porque cresce, porque aumentam as possibilidades - como dizíamos antes -, de comunicação, aumentam os contactos com pessoas de outras Igrejas, de outras religiões, sem religião. Por isso muda. Mas, ao mesmo tempo, é sempre ela mesma. "É sempre ela", o que é que quer dizer? É sempre aquela graça particular, inspirada por Deus a Chiara, que nos moldou e, através de nós, molda-vos, molda todos, isto é, a graça de levar a toda a parte a presença de Jesus. Esta é a "identidade da Obra". Isto deve permanecer sempre: a identidade!

A identidade de uma pessoa é sempre a mesma. O bilhete de identidade traz sempre

os mesmos dados: nome, apelido, data de nascimento. Isso não muda. Na Obra de Maria, o que é que não muda? Não muda isto: a Obra de Maria tem por natureza " levar a presença de Jesus a todos os lugares do mundo". Esta é a Obra.

E como é que a leva agora? Do mesmo modo que a levava em 1943? Não! Leva-a com novos meios: agora leva-a com a rede, com a Internet, com todas as coisas; leva-a a pessoas novas, que naquela época não existiam. Neste sentido muda. [...] Portanto mudou qualquer coisa ao longo do tempo e está ainda a mudar. [...]

Mudará a atenção que temos para com as situações que nos rodeiam, porquê? Porque também o mundo muda, não fica sempre igual. As perguntas, as exigências, os problemas aos quais devemos dar respostas são outros. Quais são os problemas de hoje? Há imensos, mas o problema principal de hoje – acho eu – é mesmo o de, apesar de todos os meios de comunicação, haver cada vez mais solidão. Cada um está cada vez mais fechado em si mesmo, cada um quer-se logicamente defender dos outros, afirmar as próprias ideias. Tudo isto, que é também normal – porque cada um deve crescer como pessoa, como realidade – deve ser completado com esta comunhão, que torna possível a presença de Jesus. Por isso, a identidade da Obra de levar sempre a presença de Jesus, fica igual. [...]

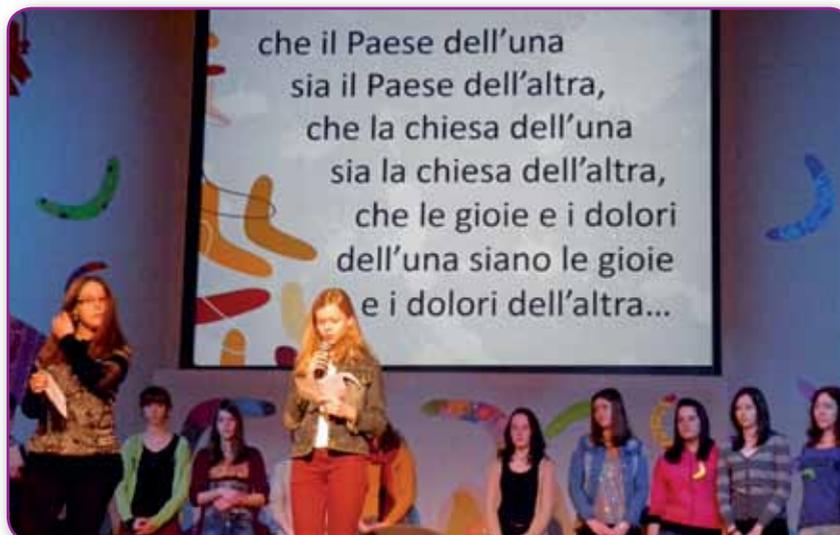
Vocês dizem: "E nós, o que é que podemos fazer?". Já fizeram muitíssimo. Mas aquilo que vocês fizeram foi porque vocês viveram durante estes anos. "O que podem continuar a fazer?" Viver o Ideal! A ajuda maior que cada um, pessoalmente, pode dar à Obra é viver

o Ideal. Porque este Ideal vivido por um, por outro, por outro, faz crescer toda a Obra".

A Beatrice, de Arezzo, pergunta: «como fazer para que os princípios do Ideal, que conhecemos, entrem na sociedade e a mudem? Por exemplo, nos Países como a Itália, em que somos muitos do Movimento, poderíamos fazer programas escolares aplicáveis em todas as escolas e o mesmo com a política. Mas, para fazer isto temos que ser uma força, por isso poderíamos unir Gen2, Gen3, Gen4, famílias, focolarinos e trabalhar juntos para atingir esta finalidade comum para que incida na sociedade».

Emmaus: «Esta é uma excelente proposta! Acrescentemo-la a esta lista de propostas que vocês fizeram e eu proponho a mim mesma acolhê-la e falar dela na Assembleia, em setembro. Porque tens razão. Isto é, se trabalharmos todos juntos, temos mais força, [...] temos a força de todas as pessoas que querem estas mesmas coisas, que dividem conosco este Ideal, e é uma força muito grande! [...]

Olha, eu não te posso dizer como fazer porque ainda não o sei, mas posso-te dizer que é uma proposta ótima, que faço minha esta proposta e vamos procurar estudar como fazer juntos, isto é, jovens e adultos, todas as gerações juntas, para concretizar estas nossas propostas. Obrigada!».





No congresso das Gen3 Efeito *boomerang*: será que funciona mesmo?

Do dia 2 a 5 de março, 700 gen3 dos 13-17 anos em Castel Gandolfo

«Será que funciona mesmo? Isto é, se eu amar, é mesmo verdade que o amor volta? É verdade que envolve cada vez mais pessoas? E também muda a realidade à nossa volta?». Foram estas as perguntas que nos receberam quando chegámos a Castel Gandolfo. De 20 Países e 19 línguas, depois de alguns meses de esforço para amar à maneira de Jesus, já temos alguma coisa para contar. E aquelas perguntas provocatórias que se alternam no ecrã com imagens de evidente «não amor», tornam-se imediatamente ocasião de troca de palavras com quem está sentada a nosso lado. Julija da Lituania: «lancei um *boomerang* pequeno e encontrei outro muito maior que envolveu 150 crianças de famílias carenciadas...». As experiências vão-se seguindo: a vida de uma unidade Gen3, de uma comunidade local: o efeito *boomerang* pode ser aplicado na dinâmica do amor como uma equação matemática!

Tendo por base esta certeza, podemos começar a trabalhar: do desenvolvimento da recém nascida revista *Teens* às propostas para



a próxima Assembleia geral da Obra. Divididas em grupos, confrontámo-nos para perceber como responder às exigências dos jovens, que passos dar juntos, na Obra, para nos aproximarmos do mundo unido. São muitas as ideias. Votámo-las para escolher as que eram mais sentidas por todas, de maneira a oferecer à Emmaus durante o nosso encontro com ela (ver pag 12-13)

Na manhã seguinte, a Emmaus, não só as ouve e leva a sério, mas também nos diz que são boas propostas e se vão tornar «património da Obra». A nossa alegria é irreprimível e a Flavia exprime-nos a todas saudando a Emmaus assim: «Estamos prontas a dar este grande passo para o futuro da Obra, aceitando todas as pessoas escolhidas e as novidades que forem propostas na Assembleia, porque sabemos que serão feitas com amor!».

Estamos no segundo dia e espera-nos uma tarde intensíssima para aprofundar, com o diálogo entre nós e com os especialistas, o tesouro da reciprocidade na relação entre o homem e a mulher.

Na escola, com os *media*, com os nossos amigos, são cada vez mais comuns as ideologias e os comportamentos que negam a identidade feminina e masculina. Sentíamos a necessidade de saber mais sobre isso, de ouvir outras opiniões sobre a ideologia dominante, de poder intervir nos deba-



tes que se acendem nas aulas, saber reagir perante comportamentos de colegas, e às vezes de professores, que vulgarizam o relacionamento entre homem e mulher. É a ocasião para viver logo o que a Emmaus nos disse, de sermos abertas às ideias diferentes, para irmos juntos em direcção à verdade.

No dia seguinte, o amor recíproco abre-se para o mundo, na perspectiva de Chiara, que vê cada povo como uma dádiva para o outro. Estão connosco representantes dos vários continentes que põem em evidência recursos e desafios do próprio continente. Notam-se as características da pessoa das futuras gerações, que Chiara nos indicou no SuperCongresso de 1997: «Uma pessoa que consegue guardar, no seu coração, os tesouros oferecidos por pessoas dos outros continentes e que consegue dar os seus tesouros a todos os outros. Por isso, o homem de amanhã é o homem da unidade, é o homem mundo». Uma boa preparação para o *Campo de Trabalho Homem-mundo* na América Latina, que nos espera no próximo julho!

À noite abrimos as portas do congresso à «Feira dos artistas da rua», uma acasão para oferecer uma boa dose de criatividade e imaginação aos que querem partilhar conosco um momento de festa.

Terminámos com aquilo que nos desejou o Papa, durante a audiência de 5 de março, na Praça de S. Pedro: «Viver a fé com alegria, sendo testemunhas do amor de Deus por cada pessoa». Pudémos saudá-lo da praça e notou o nosso «barulho»! Cinco de nós tiveram o privilégio de lhe falar pessoalmente, perto do altar. Agora também o Papa sabe do efeito *boomerang!* Prometemos-lhe: vamos lançá-lo sobretudo a todos aqueles jovens que ainda não encontraram Deus.

Centro gen 3 f.

Teens

A redação do *Teens* apresentou ao congresso o seu trabalho, dando vida a uma tarde inter-activa. Houve grande interesse pela tradução em várias línguas.

«Olá, somos a redação central do *Teens* e aqui estão-nos a ver quando estávamos a trabalhar na composição do número 1. As ideias são sempre muitas e, ao menos para este ano, temos 16 páginas à disposição. Para quem ainda não saiba nada do *Teens*:

Teens é o jornal dos jovens para os jovens: o nosso jornal. Nosso porque não fala sobre nós, mas somos nós mesmos que falamos. Não é um jornal que se lê e pronto. É um jornal para se construir juntos.

Teens é o nosso cartão de visita. Podemos levá-lo para todo o lado, para apresentar aos amigos as nossas ideias, o nosso ponto de vista sobre os acontecimentos do mundo, aprofundar temas sobre os desafios que enfrentamos na nossa idade.

Teens propõe o mundo unido com uma linguagem universal através de histórias, experiências, que se tornam propostas concretas. Oferece valores a partir da vida, de um filme, de um acontecimento desportivo ou de entrevistas a personalidades diferentes na cultura, religião, profissão com as quais dividimos o empenho de tornar o mundo mais bonito.

Teens é work in progress! Se cada assinante pudesse colaborar: escrevendo, propondo assuntos, inventando jogos enigmáticos, desenhando, fornecendo material fotográfico... pedimos a todos uma ajuda para o difundir entre os amigos e parentes, mas também nas escolas, nas bibliotecas, paróquias, oratórios, por todo o lado.

Gostam? Porque esperam? Corram para fazer a assinatura!»





Bispos amigos do Movimento dos Focolares

O amor recíproco é o distintivo

Cerca de sessenta Bispos, de diferentes proveniências, viveram uma forte experiência de comunhão

«A reciprocidade do amor entre os discípulos de Cristo é possível e capaz de transformar a qualidade dos relacionamentos inter-pessoais...». Foram estas as palavras que o Papa Francisco lhes dirigiu durante a audiência na sala Clementina, que confirmam a experiência vivida pelos 65 Bispos que participaram no encontro de Castel Gandolfo, de 22 a 28 de fevereiro passado. Eram de diferentes proveniências – Ásia, América do Norte e Sul, África e Médio Oriente, para além de várias partes da Europa –, mas foi a única a experiência de comunhão, de verdadeira família vivida entre todos.

Com o papa Francisco

O arcebispo de Bangkok, mons. Francis Xavier Kriengsak Kovithavanij, atual moderador dos encontros dos Bispos amigos dos Focolares, concluiu o encontro com estas palavras: «Experimentámos o que significa viver em comunhão, viver como discípulos de Jesus, com um amor recíproco amplo como o mundo. O encontro com o Santo Padre abriu-nos o coração e o pensamento. Depois do seu primeiro Concistório, fez-nos perceber muito claramente o que o “Espírito diz hoje” à Igreja. Sim,

é claro que sob a orientação do Papa Francisco, toda a Igreja se volte de novo para a simplicidade e transparência do Evangelho. Sentimos que ele aprecia o carisma de Chiara Lubich, como o fizeram também Bento XVI, João Paulo II, e Paulo VI. Deram-nos uma enorme coragem as suas palavras, que eu queria recordar aqui: *“A sociedade de hoje tem uma grande necessidade do testemunho de um estilo de vida que faça transparecer a novidade trazida pelo Senhor Jesus: irmãos que se estimam, apesar das diferenças de carácter, de proveniência, de idade...”*».

De facto, os dias no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo desenrolaram-se à luz da insígnia «A reciprocidade do amor entre os discípulos de Cristo». Maria Voce passou uma manhã com os Bispos, oferecendo uma reflexão sobre este tema central na espiritualidade dos Focolares, seguido por um intenso diálogo com comentários e testemunhos. Foi também muito apreciado o que disseram os leigos - em especial uma família e um grupo de jovens, muito vivo. «Como Igreja – afirmou um dos Bispos presentes - não nos concentra-



mos suficientemente no distintivo do cristão. Identificámo-lo com o fazer reuniões, usar um hábito, o "clesma", etc. Pelo contrário, é muito claro que o distintivo é o amor recíproco. Isto não é uma coisa insignificante, é o coração do Evangelho».

Duas "mesas-redondas" facilitaram uma reflexão, com vários intervenientes, sobre temas cruciais: linhas eclesiológicas que surgiram do primeiro ano de pontificado do Papa Francisco - com o card. João Braz de Aviz, prefeito da Congregação para a vida Consagrada, e o Arcebispo Vincenzo Zani, secretário da Congregação para a Educação católica; Sinodalidade e Primado, à luz dos ensinamentos e da praxe do Papa Francisco - com o card. Kurt Koch, presidente do Conselho Pontifício para a promoção da unidade dos Cristãos, – Brendan Leahy, Bispo de Limerick (Irlanda), e Christoph Hegge, Bispo auxiliar de Munique, na Alemanha.

Captar a acção do Espírito

O Arcebispo Zani sublinhou a actualidade do carisma de Chiara, convidando a «captar ... o que o Espírito faz na Igreja e no mundo atra-

comunicou a milhões de pessoas espalhadas por todo o mundo, orientando-as para um caminho de vida evangélica, foi e é uma sementeira providencial que agora está a ser encorajada a gerar vida nova e frutos maduros, na Igreja e na sociedade».

Os quatro dias romanos, impregnados de espiritualidade da unidade, foram ocasião para ouvir a voz e o empenho dos cristãos nas Igrejas espalhadas pelo mundo, com os próprios pontos de vista. Muitos *media* amplificaram esta dimensão, transmitindo os testemunhos dos Bispos, em especial do Médio Oriente e a experiência de «colegialidade efectiva e afectiva» feita por todos.

Com nova coragem

D. Andrew Nkea Fuanya, nomeado recentemente Bispo da diocese de Mamfe (Camarões), à qual pertence a cidadela de Fontem, disse: «O focolar é-me muito querido. Se estou vivo, é porque Chiara mandou os médicos para Fontem! Vi que é possível viver como Bispo e como cristão... Estar uma semana convosco foi para mim iniciar a viver como irmãos. [...]».



O colóquio com a Emmaus



O bispo Andrew Nkea Fuanya, de Fontem



A atenção dos meios de comunicação

vés do sucessor de Pedro...Aqueles que foram envolvidos pela luz e pela graça do carisma da unidade, apercebem-se de uma proximidade extraordinária entre o magistério do Papa Francisco e os diversos pontos da espiritualidade. O que Chiara Lubich recebeu do Espírito e

Outros Bispos sublinharam diversos aspectos da própria experiência pessoal. Um dos Estados Unidos: «O tema do amor recíproco indicou-nos o cimento da unidade, o coração do Evangelho. Esta espiritualidade é para toda a Igreja e toda a humanidade». Do Médio

Um homem de Deus

Durante o encontro dos Bispos, uma recordação vibrante do Bispo Klaus Hemmerle, no vigésimo aniversário do seu falecimento

O Bispo Hemmerle veio de uma família pobre, anti-nazi. Antes ainda de ser Bispo, é evidente nele a dimensão do sacerdócio, ministério exercido com grande amor e dedicação.

Pode-se dizer que Klaus Hemmerle é teólogo e filósofo ao mesmo tempo, especialista na filosofia alemã de Hegel, Fichte, Schelling e da fenomenologia de Husserl, Heidegger, Welte. Foi um verdadeiro construtor de pontes em múltiplas direções: entre a Igreja católica e protestante, entre fiéis leigos e o clero, sempre na fronteira entre mundo secularizado e Igreja.

Oriente: «Chiara Lubich criou uma escola de unidade e de paz... Embebemo-nos destas ideias, deste clima e depois voltamos para as nossas localidades com nova coragem». Um italiano: «... penso que este carisma de Chiara Lubich é atual como nunca, precisamente para reunir a Igreja "in unum". E é claro que o Papa também nos sublinhou isto».

Para alguns dos participantes, a experiência de comunhão continuou na Cidadela de Lopiano: os encontros com o Instituto Universitário Sophia, com o Centro de Espiritualidade para sacerdotes, com a Escola Loreto para as famílias, fizeram surgir neles o desejo de que estudantes, sacerdotes, famílias, das suas dioceses possam passar um período na Cidadela, para aprofundar a dimensão do carisma e fazer uma experiência de comunhão vivida.

Helmut Sievers (Chiarama)

São dois os acontecimentos-chave, na sua vida. Ao estudar Filosofia, percebe que não se pode pensar em compreender Deus com o pensamento. Deus, maior do que o pensamento do homem, pode-se compreender só quando a acção do pensar se põe na disposição de receber. Pensar Deus quer dizer: receber, ouvir, entrar num silêncio que espera o Outro. E quando, pela primeira vez, encontrou o Movimento dos Focolares e Chiara Lubich, teve a impressão de que Deus tivesse aberto um espaço para poder estar presente no meio da comunidade de pessoas. Quarenta e seis anos depois recordava: «Ali, pela primeira vez, experimentei realmente Deus.[...] Deus estava ali simplesmente, penetrava nos nossos relacionamentos de reciprocidade. Sem opôr qualquer resistência fui arrastado neste novo caminho».¹ Quase imediatamente, percebeu que a Igreja não se pode planear, mas é preciso recebê-la como uma dádiva de Deus, que nos oferece a Sua presença entre nós.

Um protagonista do encontro

Hemmerle punha-se seriamente na atitude de aprender do mundo, de perceber o que se encontra de Verdadeiro no outro. E, ao mesmo tempo, estava inamorado pela palavra de Deus, com a consequência de testemunhar continuamente aquele Deus que se revelou em Jesus e que, com o seu amor infinito e trinitário, abre um espaço de encontro, de amor recíproco.

Uma pessoa que serve a Igreja

Esta pessoa, dotada de tantos dons

¹ K. Hemmerle, *Unser Lebensraum – der dreifaltige Gott*, in: *Das Prisma* 1994, 23. Trad. it. in Gen's XXV, 1 (janeiro-fevereiro) 1995, 15



A partir da direita, os bispos Klas Hemmerle, Acácio R. Alves, Reinhard Pünder

e carismas, é escolhida pela Igreja para ser Bispo de Archen, na Alemanha, de 1975 a 1994. E por isso deixa a cátedra universitária. Ama a diocese com todo o seu coração e pergunta a si mesmo como pode servi-la com o coração de Deus: «Como posso fazer bem o meu dever nas diversas instituições da Igreja? Como posso geri-las, sem me apropriar delas? Como posso inter-agir com elas, como posso mergulhar nelas, com o meu estilo pessoal, sem cair no perigo de me tornar uma espécie de engenheiro do bom Deus? [...] devo dar espaço a um Outro, para que seja Ele a fazer».²

Deste modo, desenvolve para a diocese, todos os anos, um seu caminho teológico de evangelização. As suas cartas pastorais abrem um caminho de comunhão e missão para com os operários, os jovens, as dioceses no terceiro mundo, com as quais a diocese de Archen era geminada.

Uma pessoa que quer dar Jesus

Uma Palavra tirada da carta aos Gálatas (Gal 2, 20) fascinou sempre Klaus Hemmerle, ao longo da sua vida: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim». No Congresso internacional para sacerdotes e religiosos, em Roma, no dia 30 de abril de 1982, comentou-a assim: «O meu eu pertence a Jesus Cristo. Cada momento presente posso morrer Nele de modo novo, para que Ele possa viver em

mim: este é o autêntico modo para nos reencontrarmos e para encontrar a verdadeira realização de si».

A unidade com Chiara Lubich

Em Chiara Lubich e na sua espiritualidade da unidade descobriu uma profunda teologia, capaz de dar à Igreja de hoje novos impulsos de comunhão e missão. Com Chiara desenvolveu um estilo de comunhão vivida



O bispo Klaus Hemmerle com Chiara e o p. Foresi, durante um encontro de Bispos, na Suíça

entre Bispos católicos e, sob pedido do Papa João Paulo II, também com Bispos de outras Igrejas.

A fundadora dos Focolares, comunicando a morte de mons. Hemmerle a todo o Movimento, escreveu: «Deus era tudo para ele, e fazer a Sua vontade era o empenho constante da sua vida. Era a Palavra vivida, de tal modo que alguém que o conheceu de perto afirma poder defini-lo assim: “um inamorado pela Palavra de Deus”»³.

E sobre ele, numa entrevista, Chiara disse: «Ele ajudou-me a realizar, no Movimento dos Focolares, duas realidades importantíssimas: a ramificação dos Bispos amigos, animados pela espiritualidade da unidade e a fundação da Escola Abba para traduzir em doutrina a espiritualidade da unidade, fruto do carisma».

Wilfried Hagemann

2 K. Hemmerle, *Ökumene aus der Mitte in Ökumenische Mitteilungen der christlichen Kirchen*, in NRW, setembro 1976,3

3 Chiara Lubich, *Il vescovo Hemmerle, un dono di Dio*, in *Mariapoli* 2/1994, pp.2,3,5

Religiosas

Um carisma para a comunhão

Encontro internacional de consagradas de várias Congregações e Institutos Seculares



De 6 a 9 de março, o Centro Mariápolis de Castel Gandolfo recebeu consagradas de várias Congregações e Institutos Seculares que, com a diversidade dos seus carismas e numa profunda comunhão entre todas, testemunharam a realidade e a beleza do carisma da unidade.

O encontro internacional foi enriquecido pela presença de consagradas da Coreia, da China, dos Camarões e de vários Países da Europa e regiões da Itália.

«Mais Obra na Obra»

As várias experiências, vividas à luz do amor recíproco, as intervenções sobre as várias realidades da Obra, e o trabalho de preparação da Assembleia Geral – para a qual todas contribuíram com reflexões e sugestões, fazendo com que nos sentíssemos todas “um” com a Obra – prepararam o tão esperado encontro com a Emmaus e o Giancarlo. Todas nos sentimos mais «Obra na Obra». E a ligação em *streaming* permitiu que consagradas de todo o mundo pudessem participar. Foram indescritíveis aqueles momentos tão divinos, que ligaram «Céu e Terra» num único abraço planetário.

De um *e-mail* que chegou: «Segui o encontro com a Emmaus. Foi uma graça inesperada que entrou dentro de mim como fogo. Foi um sentir-me “agarrada” de novo pelo Ideal, numa

dimensão nova. A Obra é caridade e, se eu viver deste modo, estou pronta. Rever os vossos rostos foi um momento especial: recordações intensas, perguntas sem comentários».

Diante da dádiva de Deus

«Quando Chiara começou – sublinhou a Emmaus – não pensou em fundar um focolar, pensou no “ut omnes”. O que é que Deus lhe fez ver, o que é que Deus pôs diante dela como meta, como objetivo para a sua vida? Que todos sejam um!

[...] Cada pessoa da Obra é capaz de fazer avançar tudo. O que conta é esta riqueza do carisma que nos torna capazes de gerar, proteger, construir toda a Obra, em todo o mundo.

Uma vez o cardeal Rylko disse: «Não existe ninguém que compreenda um carisma, a não ser quem tem um carisma». Então eu percebi a riqueza que há na Obra, que não existe apenas um carisma, existem muitos carismas postos em comunhão por um carisma, que é o carisma da unidade. É uma coisa maravilhosa. Então esta luz, este dom do carisma do Ideal deve fazer este efeito.

Nesta sala existem muitos carismas. Se alguém disser: “eu sou das oblatas, mas que fantástico é o carisma dos salesianos”; e se os salesianos disserem “mas que fantástico o carisma dos jesuítas, mas que fantástico o das filhas da caridade”; se alguém fizer isto sinceramente, se se colocar diante da dádiva que Deus fez a um irmão, diferente da sua, se reconhecer a beleza daquela dádiva e se todos estes tesouros forem colocados em comunhão pelo carisma da unidade, então, engrandecidos pelo amor dos outros, todos estes tesouros resplandecem ainda mais.

Percebo por que é que Chiara estava sempre grata a Deus pela presença dos religiosos e das religiosas na Obra: conhecia muito bem os valores que essa presença trazia. Nós devemos continuar

com esta atenção para com os religiosos e as religiosas, sabendo que isto é uma graça extraordinária. Ao mesmo tempo, neste reconhecimento dos dons uns dos outros, devemos reconhecer também o carisma que nos dá a graça de os poder colocar em comunhão, a graça de nos exercitarmos a viver na comunhão dos carismas. E isto é um dom de Deus: reconhecê-lo, valorizá-lo, desfrutá-lo».

Algumas impressões espontâneas, durante o diálogo com a Emmaus:

«Tocou-me muito a comunhão dos carismas. Quando estamos na Obra estamos inteiramente na Obra e quando estamos nas nossas comunidades somos filhas do nosso fundador. É um enlace onde não falta nada, nem quando se está na Obra nem quando se está em casa. É uma graça! Nasce uma riqueza. Recordamos tudo o que Chiara, numa das primeiras mensagens, em 1973, nos colocou no coração: não ser apenas filhos destes carismas, mas estar sempre vivos na Obra, precisamente por esta comunhão dos carismas. Penso que aquilo que nos disseste foi qualquer coisa que nos revoluciona por dentro e nos leva a dizer: "coragem, contem conosco"».

«A realidade do pacto de 1949», no seguimento do tema preparado por Michel Vandeleene, – com o precioso contributo do Centro Santa Chiara, que projetou algumas partes de vídeo de Chiara, – marcou ainda mais o «viver no Corpo Místico» naquela «anulação de si mesmo para se ser o outro».

Reabrir os olhos

Isto é um resumo do que surgiu a partir da comunhão feita em pequenos grupos. «É um meio de salvação, pessoal e comunitário, e é um desafio que Deus nos faz. Neste momento histórico somos chamadas a vivê-lo em primeira pessoa e a aprofundá-lo».

«Experimentar Jesus no meio é uma *medalha* para os mais capazes, é o nosso modo de amar: abrir os olhos e perceber que Jesus já lá está. Obrigada porque pude reabrir os olhos».

«No fim deste encontro volto para casa

com esta pergunta: estou a manter Jesus no meio? Isto é também o ponto de apoio mais importante».

O encontro concluiu-se com uma bela fotografia de grupo, seguida de uma série de canções dos primeiros tempos, «um selo de unidade, força incalculável, mesmo quando se está longe».

Centro das Consagradas

Novidades editoriais

«Jesus disse que permanece conosco: mas onde? Não o podemos ver... tornou-se invisível...»

Quando Jesus estava vivo, via-se, ouvia-se falar... Agora, onde é que o podemos encontrar? Um diálogo imaginário entre algumas crianças e Michele Genisio abrem *Onde está Jesus? O mapa para o encontrar*, o novo subsídio de catequese editado por Città Nuova.

Com a ajuda dos simpáticos desenhos de Vittorio Sedini, Michele Genisio acompanha os pequenos leitores à descoberta dos nove diversos lugares onde podemos encontrar Jesus: a consciência, o próximo, entre pessoas unidas em seu nome, o Antigo e o Novo Testamento, a Igreja, o sofrimento, os Sacramentos e, em especial, a Eucaristia.

O volume desenha assim um mapa composto por nove «fontes». Para cada uma delas são indicadas citações bíblicas para aprofundamento, um jogo para fazer em grupo, algumas figuras para pintar, experiências de crianças de todo o mundo e um exercício para executar em casa (uma carta para escrever; um propósito a fazer, «1 minuto de silêncio» ou um momento de meditação). Graças a uma longa experiência sobre o tema, consegue explicar

numa linguagem fresca e simples, adaptada às crianças de oito e dez anos, um aspecto central da nossa fé.



Movimento paroquial e Movimento diocesano

Por uma Obra «em crescimento»

A secretaria central fez algumas viagens para conhecer de perto as várias realidades locais

Estávamos em Krizevci, na Croácia, mais precisamente na Mariápolis Farol. Era janeiro, fazia muito frio ainda, mas falava-se já de primavera! E de facto, a alegria nos rostos de todos, o entusiasmo, a fraternidade vivida entre pessoas de origens tão diferentes (somos de sete nações) provocava uma atmosfera de calor primavera em esta esplêndida Cidadela, que parece um ponto escolhido por Deus como cruzamento de raças, culturas, religiões, ponte entre a Europa Ocidental e a Europa de Leste.

Um mês antes, na Mariápolis Lia, na Argentina, em pleno verão, era evidente a frescura da gente jovem, aberta, livre, com iniciativas concretas, atividades de vários tipos e empenhos sociais a todos os níveis. Começando pela própria Mariápolis Lia, que é um jardim muito bonito, um rastro de luz que atrai muita gente, como o sol quando nasce na pampa.

Este ano, de facto, a secretaria dos Movimentos paroquial e diocesano escolheu fazer os encontros das secretarias nas Grandes Zonas, para se poder inteirar dos desafios existentes nas várias Igrejas locais e para ir mais em profundidade nas funções da própria secretaria.

Em dezembro de 2013, tínhamos ido à Cidadela Castelo Exterior, em Espanha, para nos encontrarmos com a Zona da Europa Ocidental (v. *Mariápolis* n. 2-3/14).

Concluídos os encontros, fomos pessoalmente a algumas comunidades paroquiais, comunidades vivas onde se dialoga a 360 graus, como em El Viso (Sevilha), onde se está a formar,



juntamente com todos os membros da Obra, um “pedacinho” de mundo unido já existente (Argentina e Croácia).

Qual foi a impressão final, depois desta *tournee* tão rica? Há muitos poços de vida que despontam em muitos lugares e que, juntamente com todas as realidades da Obra existentes na região, originam as mais variadas iniciativas dirigidas às periferias existenciais de que o Papa Francisco fala tanto.

Basta pensar nas 500 refeições diárias servidas aos eslavos da Sérvia; nos centros juvenis da Igreja greco-católica da Sérvia, no trabalho com vista à inserção social de pessoas marginalizadas de várias paróquias da Argentina ou no empenho dos membros da Obra, a todos os níveis, neste grande País da América do Sul.

Levávamos conosco um tesouro especial: o nosso colóquio com a Emmaus e o Giancarlo, no dia 11 de dezembro de 2013. Foi um momento especial em que foram evidenciados alguns detalhes importantes sobre a atualidade da paróquia, a inclusão do Movimento na Igreja local (de acordo com tudo quanto diz o Papa Francisco) e sobre a realidade juvenil do Movimento paroquial e do Movimento diocesano. Todas as novidades foram muito bem recebidas por todos, com alegria e gratidão, em todas as regiões.

Perante o reconhecimento dos empenhados dos movimentos de grande alcance, como

uma vocação da Obra, alguém chorou de alegria por ter encontrado o seu caminho.

Por toda a parte encontrámos realidades juvenis já preparadas para levar o Ideal aos jovens das paróquias.

Tiveram um toque especial os encontros com as secretarias italianas quer do Movimento paroquial (17 a 19 de janeiro de 2014) quer do Movimento diocesano, (14 a 16 de fevereiro), com quem este ano nos encontrámos separadamente, sempre para ir mais em profundidade. Encontros de trabalho, de diálogo, com grandes e consistentes perspetivas.

Constatou-se que o mundo da paróquia está a mudar também na Itália. Por agora são cada vez mais as realidades onde se desenvolvem todos os diálogos, plenamente inseridos na vida social, portas abertas para o «ut omnes». Surgia a necessidade, como dizia alguém, de «abrir os braços do Movimento paroquial a todo o mundo das paróquias, na sua diversidade». A leitura de algumas partes da *Evangelii Gaudium*, em especial sobre a dimensão social da evangelização, tocou-nos profundamente, levando-nos a olhar com mais determinação e realismo para a Igreja atual.

Nestes encontros não podia faltar um destaque sobre a preparação da Assembleia, e vimos a alegria de todos por se sentirem plenamente envolvidos neste momento especial da Obra.

A paixão pelos jovens era tangível. No final, era espontâneo ver em todos esta prioridade para este ano. E, como etapa importante deste

caminho, ficou agendado para agosto um encontro de empenhados jovens.

De todo inesperada, rica de emoções e de alegria, foi a hora que as secretarias do movimento diocesano viveram com a Emmaus e o Giancarlo (ver caixa).

Este ano, que a Emmaus definiu «o ano da gratidão», é espontâneo agradecer a Deus por ter contemplado uma Obra fecunda, «em crescimento», onde todos se sentem protagonistas e empenhados em levar o amor ao mundo.

*P. Klaus Hofstetter, Sameiro Freitas,
Marco Bartolomei*

Algumas impressões dos participantes depois do encontro com a Emmaus e o Giancarlo e do encontro das secretarias do Movimento diocesano:

«Vivemos um momento histórico. Vocês fizeram com que vissemos a beleza desta nova página que Deus está a escrever na Obra e que queremos, convosco, continuar a escrever na fidelidade ao Carisma».

«Obrigada por, mais uma vez, terem evidenciado a radicade da vocação do empenhado paroquial, que nos mostraram em plena harmonia com as outras vocações da Obra».

«Sentimo-nos responsabilizados e encorajados a ser plenamente Obra e plenamente Igreja».



África Central

«... este é o momento de dar a vida»



Há mais de um ano que a República Centro-Africana é agitada por uma guerra civil. O país sofre com a luta entre cristãos e muçulmanos. Comunidades inteiras, pessoas cujas famílias viveram pacificamente durante séculos são obrigadas a esconderem-se ou têm de fugir por causa de ameaças e atos de violência. Só no mês de dezembro de 2013 contaram-se mais de mil mortos e um milhão de deslocados. Um verdadeiro genocídio.

Num telefonema, N.J., sacerdote da Obra neste país, partilhou o que está a viver com muita coragem nestas semanas, arriscando mesmo a vida.

Há alguns meses, o local onde o Pe N. é pároco foi assaltado pelos rebeldes de origem muçulmana. Mais de 500 cristãos tinham-se refugiado na sua paróquia. Em seguida chegaram inesperadamente, tendo ficado em vantagem, rebeldes de origem cristã. Centenas de muçulmanos procuraram refúgio na mesma paróquia. Mais do que uma vez, o Pe N., que os recebeu e defendeu, foi preso e ameaçado pelas milícias cristãs, tanto que os outros sacerdotes que vivem naquela região lhe sugeriram que seria melhor que se fosse embora.

Chega-nos de Bangui, uma experiência particularmente significativa, no 6º aniversário da partida de Chiara para o Céu, na qual a Obra põe em relevo tudo quanto foi feito para promover o diálogo interreligioso.

«Também tive muito medo – disse-nos o Pe N. – mas, ao pensar em Chiara e nos seus contactos com os muçulmanos, e em D. Silvano Cola, disse a mim próprio: este é o momento de dar a vida. Devo estar pronto a morrer, em vez de matarem uma só destas pessoas». Fez, por isso, o seu testamento e celebrou a missa, tendo consciência de que poderia ser a última.

Vendo a sua determinação, outros dois sacerdotes decidiram permanecer no local. A um certo ponto, os rebeldes queriam incendiar a igreja com todos os refugiados. A situação estava a precipitar-se quando, no último momento, chegou o exército e foi possível evitar o pior.

Ao contar estes factos, o Pe N. salientava o quanto se sentiu sustentado pela unidade. Queria agradecer e saudar todos. Tinha a impressão nítida de que tinha tido uma graça especial e era espontâneo agradecer ao Pai por estes campeões, "forjados" pelo carisma de Chiara.



Da mesma família

A experiência de Ismael, um amigo muçulmano de Lubumbashi

Na nossa grande parcela de terreno de família, foi alugada uma casa a uma seita e até há pouco tempo não havia acordo entre nós. Como eu sou muçulmano, achavam-me um pouco estranho, até porque muitas vezes uso a túnica. Visto que os membros da seita usam o alti-falante num volume muito alto, eu ouvia muitas vezes que o pastor falava mal de mim e não permitia sequer que as crianças viessem brincar em frente da minha casa.



Um dia, num encontro no focolar aprofundámos a Palavra de Vida que falava do amor ao irmão. Peguei em algumas e fui levá-las ao pastor, que ficou admirado pelo facto de um muçulmano conhecer o Evangelho. A partir daquele momento criou-se um bom relacionamento entre nós. O pastor veio a minha casa e convidou-me até para um curso sobre a Bíblia.

Recentemente fui trabalhar para uma cidade com um amigo árabe. Como eu tinha de ir ainda para outra cidade, encontrei alojamento para ele numa paróquia, apesar de o lugar não ser muito confortável, mas não havia melhor. O pároco Emery recebeu o meu amigo com muito amor e passou um dia com ele a visitar toda a paróquia. Por ser árabe, surgi-

ram problemas com a Direção Geral das Migrações, mas o sacerdote ajudou-o, com o apoio de um paroquiano que trabalha naquela repartição. Quando voltei, encontrei o meu amigo cheio de alegria: contou-me que o sacerdote lhe dava água quente quando tinha de fazer a purificação, antes da oração e passava, muitas vezes, algum tempo com ele. Por isso, fomos juntos agradecer-lhe. Quando entrei na casa dele

vi um quadro de Chiara Lubich e percebi que o sacerdote era do Movimento. Então disse-lhe que sou um «focolarino muçulmano», e assim chegámos à conclusão que fazemos parte da mesma família! O meu amigo enviou um e-mail aos seus amigos muçulmanos da Arábia Saudita a contar este episódio, anexando fotografias. O texto dizia mais ou menos isto: «Fiquei alojado numa casa de padres». A resposta não tardou: «Mas não te cortaram a cabeça»? Ele respondeu: «Nem sequer me perguntaram qual era a minha religião; pelo contrário, receberam-me como a um membro da família».

Pergunta-me muitas vezes pelo sacerdote e por isso, no outro dia, escrevi-lhe uma cartinha que juntei à Palavra de Vida que o focolar lhe ia enviar.

Em Cuba

Com Marco, nas origens do Carisma

De 21 de fevereiro a 14 de março
as Caraíbas «acolheram» a visita do
primeiro focolarino

Foi sem dúvida especial a visita de Marco Tecilla! Foi uma prenda pela qual a família de Chiara em Cuba está profundamente grata e «uma 'partida' de Jesus», como disse Marco que, com os seus 88 anos, nunca pensou pisar esta ilha «quente».

Gente simples e tremendamente sedenta de Deus, desejosa de aprender a viver a fraternidade de Jesus que gera a unidade. Foram estas as pessoas que receberam Marco, desde Havana, depois Santiago e ainda em Florida-Camaguey.

Na capital, no domingo dia 23, estavam cerca de 170 pessoas: crianças, famílias e muitos jovens, que ouviram durante horas a história de «Eram tempos de guerra...». A vida de Marco, cruzada com a de Chiara e das suas primeiras companheiras, levou à descoberta da presença de Deus na história da Obra, assim como na história individual de cada um. Quando falou do «segredo» que Chiara lhe revelou e dos episódios que o ajudavam a reconhecer os vários rostos de Jesus Abandonado, percebia-se que, através «daquela "janela" – a chaga de Jesus crucificado – através da qual Deus olha para a humanidade e a humanidade para Deus» cada um descobriu a chave para continuar a viver o mistério da dor-amor, ade-



rindo com uma fé nova ao plano de amor de Deus para este povo.

A semana continuou com um encontro ecuménico, onde se aprofundou o conhecimento com amigos de várias Igrejas e um encontro com sacerdotes e seminaristas.

Depois, Marco visitou a comunidade em Santiago de Cuba – a mil quilómetros de Havana – a primeira onde, há 14 anos, chegou o anúncio do Ideal, que depois se difundiu pelo resto da Ilha. Estavam presentes também pessoas de Banes, Palma Soriano e Guantánamo – que fizeram viagens longas e incómodas para viver aquele momento de festa no Santuário de Nossa Senhora do Cobre, padroeira da ilha. Gen, voluntários e focolarinos casados contaram a história da chegada do Ideal naquelas terras, o encontro com uma grande Luz.

A profundidade de vida destas pessoas fez com que Marco oferecesse os seus maiores tesouros, que se tornaram de todos. Levou-os às «raízes da grande árvore da Obra, que está espalhada no mundo inteiro».

Última etapa da viagem: Camaguey, a cerca de oito horas de carro desde Havana, para se encontrar com as comunidades da Florida, Céspedes, Esmeraldaotto. Também aqui foi especial o encontro com os jovens que, com perguntas importantes para as suas vidas, souberam fazer jorrar muita sabedoria:

como enfrentar os momentos difíceis, como permanecer na vontade de Deus, como permanecer unidos com Jesus no meio, mesmo estando distantes. Levou cada um dos presentes à consciência de que Deus nos ama imensamente e que, vivendo cada dificuldade com Jesus Abandonado, somos fonte de comunhão e, por isso, protagonistas da nossa vida e atores de um futuro melhor. Uma rapariga conseguiu exprimir todos: «Já tenho saudades do que vivemos com Marco, foi uma experiência fantástica que marca um antes e um depois na minha vida».

Também foram importantes os encontros, embora breves, com os Arcebispos das três cidades visitadas, que confirmaram o apreço da Igreja local pela presença do Movimento nas suas dioceses.

Para os dois focos presentes em Havana, foi um renovar-se no empenho em viver como verdadeiros filhos de Chiara, procurando encarnar o Evangelho nestas terras. Uma nova luz, nova força e novo ardor para viver para o «*Ut Omnes*»!

Podemos dizer que mergulhámos na vida dos primeiros tempos, sentíamos Chiara muito presente entre nós. É ali que queremos continuar.

Alida Valsecchi, Luís Fernando Veléz

Com as e os gen4

Marco, em Cuba, encontrou-se também com os gen 4! Esperaram por ele perto das ruínas da paróquia que, no ano passado, foi completamente destruída pelo furacão Sandy. Depois das saudações, contaram-lhe as suas experiências. Verónica: «Eu vou à escola e há um menino que está sempre a fazer barulho. As nossas professoras zangam-se, mas eu pedi-lhe com muito amor que parasse e ele ficou tranquilo. Fui a primeira a amar». Depois de algumas experiências dos primeiros tempos contadas por Marco, a Isabel perguntou: «Marco, quero fazer-te uma pergunta, o é que uma gen4 deve fazer para perder o medo?» E ele: «Amar, tu deves unicamente amar. Porque o verdadeiro amor, como diz o Evangelho, o verdadeiro amor afasta o temor. Tu és baptizada? Estás a preparar-te para a primeira comunhão? Então Jesus está no teu coração e Ele é como uma couraça de ferro que te protegerá sempre». «Quando me despedi da Isabel - escreveu a assistente gen4 - disse-lhe: "lembra-te sempre daquilo que Marco te disse. É muito importante" e ela respondeu "vou-me lembrar para sempre"».



Elena Sachsel

Da parte dos últimos

Médica pediatra, ativa em muitas associações, presente com o seu empenho político na realidade local de Magenta (Itália Noroeste), a sua cidade, cooperadora internacional nos Países em vias de desenvolvimento, a Elena nasceu em Trieste, sendo de origem hebraica de ambos os pais. Essa origem tornou-a cidadã do mundo e irmã dos perseguidos. Elena gastou-se pelos últimos. Era uma mulher corajosa, pronta a aceitar com generosidade todos os desafios que a vida lhe apresentava. O segredo? Pôr em prática o Evangelho. Ainda jovem, conheceu o Movimento dos Focolares e a sua sede de justiça levou-a a responder ao apelo de Chiara a «dar a vida pela nossa gente», empenhando-se no movimento Humanidade Nova, como voluntária.

Desde os anos '80, dedicou-se com entusiasmo aos toxicodependentes, sem reservas: «Com um grupo de amigos fizemos uma experiência louca, mas que recuperou quase todos os jovens que acompanhamos». Colocou à disposição a sua casa, com outros operadores, alugou um apartamento nas montanhas onde os jovens se libertam da toxicodependência, antes de serem acolhidos, durante uma temporada, em casa de várias famílias de focolarinos ou de amigos.

A sua profissão de médica levou-a até ao Peru, onde contactou com os pobres mais distantes. Regressou a Itália por causa de uma doença que, durante anos, lhe imporrá limites. Mas o regresso abre-lhe novos caminhos. «Era estrangeiro e acolhete-me» (Mt 25,35): durante vinte anos empenha-se na «Naga», uma associação de assistência socio-sanitária para estrangeiros ou imigrantes clandestinos, da qual será presidente. «Aceitaram-me como católica, mesmo se quase todas as pessoas são de convicções diferentes - conta a Elena - com eles vivi uma experiência maravilhosa de fraternidade».

E, com a Associação «Lule», a Elena percorre as estradas da província milanesa para socorrer as prostitutas.

Várias vezes luta para pedir políticas sociais adequadas. Por ocasião da demolição de um campo *rom*, a Elena escreve aos presidentes das câmaras da zona, sugerindo uma solução alternativa para o problema. Estimula e envolve as diversas administrações municipais do território, favorecendo iniciativas pela paz e gestos concretos através da Associação «Coração por Coração», apoiando a «Caseta Macin» na Roménia, uma casa-família para crianças de rua.

Em 1994 abriu, com outras pessoas, uma «Casa de Acolhimento» para pessoas com dificuldades ou deficientes. É precisamente nesta casa que, com o avançar da idade, a Elena vai viver: «Agora estou a experimentar o amor recíproco. Agora sou eu que estou com dificuldades, mas as pessoas competem para me ajudar em tudo. Primeiro era eu para a Casa, agora é a Casa para mim».

Humilde e empreendedora, a sua dedicação recebeu numerosos reconhecimentos. Ao receber o último - em 26 de dezembro de 2013, «Benemérita das Virtudes Civas» - comoveu-se com o que foi dito dela pelas autoridades: «Fizeram um resumo da minha vida e senti que era a realização da minha vocação de voluntária de Deus, no Movimento dos Focolares». Apagou-se serenamente aos 86 anos, a 14 de fevereiro. O dia do funeral foi declarado dia de luto em Magenta. A igreja estava completamente cheia para a última despedida dos muitíssimos amigos da Elena: aqueles de que não se sabe qual é a sua fé, ou o país de onde vêm, se são nómadas, ou quantas vezes erraram. O mundo com o qual a Elena sonhava era um mundo onde haja lugar para todos.



Donatella Donato Di Paola

Gabriella Barcella Pesenti

Sempre pronta, dia e noite

«Adeus à vice-presidente da câmara com um coração de ouro. Uma dedicação pelos mais necessitados, que ia para além do serviço público.

Sempre pronta, dia e noite, para ajudar quem estivesse em dificuldade», com este título e em cinco colunas, o jornal local, *L'eco di Bergamo*, anunciou a partida inesperada de Gabriella, de Brusaporto, «figura conhecida e estimada, não tanto pelos cargos públicos, mas sobretudo pelo grande espírito de gratuidade e de serviço, que desde sempre animou a sua vida.... que escolheu gastar pelos outros, sem nunca se poupar na ajuda e apoio às famílias mais necessitadas». Gabriella era uma voluntária, o seu estilo recordava Pacomio, o modelo que Chiara em 2002 tinha indicado aos voluntários da Obra de Maria. Tinha conhecido o Ideal numa Mariápolis, em 1965, com 20 anos. Casou-se com Ângelo - e tiveram dois filhos - e leva-o a conhecer uma vida baseada no Evangelho. Depois do casamento, recebeu em casa Bettina, a mãe de Ângelo, e depois também a sua mãe iria viver na sua casa. O encontro com Jesus Abandonado deu-se quando se manifestou no marido uma doença incurável. Gabriella ajudou os filhos a viver juntos, serenamente, os últimos dias da vida do pai «para o acompanhar até Deus».

O reconhecimento a Chiara pela graça do Ideal, a alegria na vida do núcleo, a generosidade e a frescura nos relacionamentos, contagiam quantos estão próximos. Durante anos segue com atenção e entusiasmo as voluntárias em formação. Responsável administrativa de uma empresa comercial, atua os princípios legais e éticos no trabalho. Construiu relacionamentos sólidos com superiores, empregados, clientes. Em 1998 escreveu: «Agora que estou reformada, contactei com o Patronato ACLI (sindicato de inspiração cristã) para exercer este serviço na minha terra». É o início de um empenho cada vez mais ativo na política da sua terra, construído passo a passo



com Jesus no meio. Participa com entusiasmo nos primeiros encontros do Movimento político para a unidade. Em 2004, a Gabriella foi eleita assessora para os serviços sociais e vice-presidente, cargo confirmado nas eleições sucessivas. Testemunha o seu presidente: «Às vezes não conseguia compreender

onde acabava o seu trabalho como assessora e começava o de voluntária: dedicava-se completamente aos outros em silêncio, sem ruído... Se alguém a chamava porque precisava de ir ao hospital ou ao pronto-socorro, ela ia, mesmo a meio da noite. E de manhã chegava pontualmente ao trabalho, sem dizer nada». Em março de 2013, na Missa do aniversário de Chiara, comunica o inesperado e grave diagnóstico da sua saúde, oferecendo tudo pela Obra. A 24 de abril de 2013, com 67 anos, a Gabriella fechou os olhos e concluiu a sua «santa viagem» com um extremo ato de amor: ofereceu as córneas dos olhos.

Donatella Donato Di Paola

Anna Maria Bruschi

«Não me vou retirar»

Natural de Florença, a Anna Maria participou, no fim dos anos 60, em encontros de Palavra de Vida e, pouco tempo depois, na Mariápolis. A proposta de viver o Evangelho nas 24 horas do dia impressionou-a muito... a Anna teve seguidamente a certeza do seu lugar

na Obra, como ela própria escreveu: «O amor do Pai chegou-me através das voluntárias e a minha vocação foi para mim muito clara: na nossa vida não existem momentos mais relevantes do que outros, mas nas pequenas e grandes coisas somos livres de escolher Deus e responder ao Seu amor». A Palavra de vida que Chiara lhe deu



foi: «E o Seu Reino não terá fim» (Lc 1,33). A Anna encontrou o verdadeiro sentido da vida e novas formas de se relacionar com os pais, que amava muito, a irmã e o irmão, com a restante família e os colegas de trabalho. Sabia viver dentro e fora de si com o mesmo encanto que as crianças do Evangelho. E atraía os jovens com a autenticidade e alegria das suas experiências. Nunca se dava por vencida. No passado mês de setembro, aceitou ainda ser responsável de um grupo de voluntárias mais velhas do que ela, dizendo: «Enquanto

Deus me der forças, não me vou retirar». Um AVC repentino surpreendeu-a durante o sono e, dez dias depois de ter entrado em coma, partiu para o céu, no dia 11 de março, com 81 anos de idade. Para a acompanhar no último adeus estiveram muitas pessoas, que ela conheceu e amou durante anos... havia também um grande ramo de rosas brancas do seu chefe de há 30 anos. Cada uma das pessoas presentes tinha para oferecer «pérolas» da vida da Anna, que dão glória a Deus.

Giuseppina (Ide) Manici

Betsy Ruth Tobias De Ramirez

O seu sorriso

A Ruth conheceu o Ideal nos primeiros tempos em que o Movimento chegou ao Guatemala, tendo-se empenhado nas Famílias Novas. Em 2001, tornou-se uma voluntária. Era casada com Juan Luis, também ele voluntário, e tiveram três filhas: Betsy, Telma e Ruth Liliana. Foi professora durante 30 anos, tendo deixado marcas em muitos dos seus alunos e no pessoal docente que - como ela dizia - lhe agradeciam por nunca falar mal de ninguém.

Depois de se ter reformado, passou a integrar o pessoal docente do «Centro Educativo Flor», onde as crianças, pais e colegas a estimavam muito.

Quando chegou a visita de Jesus, através de uma doença, repetiu o seu «sim» à vontade de Deus, pronta a amar e a oferecer pela Obra todos os sofrimentos. Como trabalhava na Secretaria de Famílias Novas, com este grupo, tinha decidido ir visitar várias famílias que estavam a passar provas por causa de doenças como a dela. Manifestava sempre o seu sorriso e uma alegria inata, mesmo nos momentos mais difíceis.

No dia 5 de dezembro de 2013, com 63 anos de idade, a Ruth concluiu a sua oferta num clima de serenidade, no qual «se sentia já a Ressurreição». Foi desta forma que as voluntárias, que estiveram presentes, se exprimiram.

Martita Blanco

Os nossos parentes

Partiram para a Outra Vida: **Rui, irmão de José Alberto**, de **Maria Laura**, focolarinos no Porto, de **Maria Joana**, voluntária, e tio de **Paulo**, focolarino na Cidadela Arco-Íris (Portugal); **Domenico**, **pai de Rosalba Poli**, focolarina em Pescara (zona de Roma); **Yves, irmão de Christiane Michot**, focolarina em França; **Filomena, irmã de Pierina Onofrio**, **Valentino, pai de Nilde Del Monte**, e **Angelo, pai de Antonella Francesconi**, focolarinas na Mariápolis romana; **Pe. Giuseppe, irmão de Angela Clara**, focolarina na Cidadela Paz (Filipinas); a **mãe de Anadiva Mendes**, focolarina na Mariápolis Santa Maria (Recife-Brasil); o **pai de Daniela Righetti**, focolarina em Buenos Aires; o **irmão de Rosa Pinñuela de Contreras**, focolarina casada de Maracaibo (Venezuela); **Gastão, pai de Ana Beatriz (Luminosa)** e **Carla Reckziegel**, focolarinas casadas de Porto Alegre (Brasil); **Antonino, irmão de Ferruccio Castrovinci** e **Vittorina, mãe de Antonello Nuvole**, focolarinos na Catânia; **Willi, pai de Jutta Beyer**, focolarina em Mumbai (Índia), **Constança, voluntária, irmã de Carmo**, focolarina no Luxemburgo.

Obrigado, Constança!

Constança Maria de Siqueira de Almeida

19.01.1957 - 12.04.2014

A Constança é a 3º filha de uma família de 9 irmãos e conheceu Movimento dos Focolares em 1968, quando tinha 11 anos.

Muito alegre e com grande sensibilidade artística - tocava e cantava o fado - pôs sempre os seus muitos talentos a render, quando e onde fosse preciso. Fazia-o com grande entusiasmo, delicadeza e sensibilidade, procurando ir sempre ao encontro daquilo que mais agradava aos outros.

A sua palavra de Vida era: **«Nem as torrentes das águas conseguirão apagar o fogo do Amor»**(cântico dos Cânticos 8,7) e parece-nos ter sido plenamente atuada, especialmente no último período da sua vida!

A generosidade era uma sua característica. Em 1990 quando recebeu de herança um terreno de 200 hectares na Ota, escreveu a Chiara para lhe comunicar que o oferecia para aquilo que fosse necessário ao Movimento. Em outubro desse mesmo ano, Chiara respondeu, dizendo que se poderia construir, nesse terreno, uma Cidadela. Por vários motivos, não foi possível ocupar de imediato aquela terra. No entanto foi precisamente naquela região - em Abrigada - que a Cidadela se construiu.

Em 2007 foi-lhe diagnosticado um cancro, já com metástases ósseas. No final de setembro de 2013 a situação agravou-se.

Nessa altura escreveu à responsável das voluntárias em Portugal: **«Este ano sinto uma grande exigência de mudança radical do meu dia-a-dia – uma nova escolha de Deus, mais séria. Sinto que tenho que me “desacomodar” interior e exteriormente, ser mais simples e viver o momento presente de uma forma mais contínua. Só assim posso ser como uma ponte e ir ao encontro de todos, com mais amor, mais escuta, mais perdão, mais ser “nada”, ou seja, mais Ele e menos eu.»**

Era talvez um prelúdio de um novo chamado de Deus, que a preparava para enfrentar



aqueles que iriam ser os momentos mais difíceis da sua vida.

A Constança esteve 3 meses no hospital e, durante esse período, podemos dizer que ela foi uma campeã no amor.

Nas primeiras semanas esteve numa enfermaria com várias pessoas de idade e envolveu a família e os amigos numa grande inter-ajuda. Pedia às suas irmãs: «Leve esta minha almofada à D. Odete que já não tem posição»... «Por favor, ajude a D. Ivone. a tirar as espinhas do peixe, senão não come»... «Carregue por favor o telemóvel da D. Deolinda, pois a filha ainda não o fez e ela está tão aflita»... Num momento em que teve que mudar de hospital, pois o seu estado agravou-se, não quis entrar na ambulância enquanto as irmãs não foram buscar as moradas e os telefones de todas as doentes da enfermaria, para as poder continuar a seguir.

Cada visita, para ela, era um momento especial. Vestia-se bem, com muito cuidado e recebia todos com um lindo sorriso e um rosto radioso, que ofuscavam os sinais da progressão da doença.

À Emmaus contou-lhe numa carta: **“Tenho recebido muitas visitas e tenho tentado não pensar em mim. Para isso nada melhor do que olhar para Maria, que viveu a sua vida interior, mas foi sempre a “Palavra Vivida”, num “Sim” contínuo! Às vezes o cansaço é grande, mas só de pensar que Ela está aqui, ao pé de mim, ajuda-me a tentar fazer como Ela e peço-Lhe que me ajude a ser mais dócil e imediata em cada sim, em cada momento, seja a rir, a chorar, a comer ou a dormir... Assim procuro preservar a sacralidade deste meu espaço, procurando estar em unidade com cada um.”**

A presença constante da família natural e da família do Movimento, que se cruzava ali com tanta frequência, bem como com outras visitas, criou relacionamentos profundos entre todos. De facto quem entrava naquele «seu espaço» - o seu quarto - saía transformado e até lavado em lágrimas ou reconciliado consigo mesmo e com os outros.

São suas estas palavras: **“Apercebo-me de que o meu quatinho de hospital se tornou qua-**

se um “santuário” de amor, onde o Céu quer passar e deixar o Seu rasto! Jesus, que se fez tão pequenino por nós, vem visitar-me em cada próximo e todos os dias na comunhão. O seu amor e atenção por cada pessoa levava a que acontecessem pequenos milagres.

Um dia o seu quarto transformou-se até num autêntico estúdio de gravação. Queria mandar à sua irmã Carmo (focolarina) que vive na Bélgica, uma canção que tinha composto para o focolar. Consegui fazê-lo graças à ajuda das irmãs, sobrinhas e alguns técnicos do Movimento.

Um dia alguém disse-lhe que ia pedir a Deus a sua cura. Respondeu-lhe de imediato: **“Nunca pedi a minha cura, peço-Lhe que melhore a minha visão e audição para poder corresponder ao amor com que todos me amam.”**

Em fevereiro, depois de um momento muito difícil tanto física como espiritualmente, escreveu à Emmaus: **“Foram-me diagnosticadas metástases por detrás dos olhos, fazendo prever a cegueira. Podia ter sido um choque, mas foi uma graça. Senti que não podia ser um peso, o que me levou a procurar viver para “fora” e por vezes com a Graça de Deus, até a brincar com a situação. A minha família fez o mesmo. Afinal não perdi a visão, no entanto tornou-se profundamente difícil e desconfortável não poder, nunca, visualizar corretamente. Assim, estou sempre diante do próximo em Jesus Abandonado: uma graça única. Jesus tem feito um belo trabalho de amor e de aproximação a Ele, já que não me deixa esquecer que Ele, Abandonado, é o meu Único Bem e me enche de graças! Por vezes é difícil, mas o ‘momento presente’ é milagroso!”** (...)

“Foi durante este período da doença (precisamente num momento difícil de perceber, em que me parecia que já não encontrava a unidade) que encontrei verdadeiramente Jesus



Abandonado, muito mais doloroso e incompreensível do que qualquer outra dor física. Experimentei que, agora sim, vivia o Ideal, porque me sentia completa-

mente só com Ele, não havia nada, só eu e Ele! Foi duro, mas compreendi profundamente o amor de Deus; eu nem sabia viver esse momento, mas consegui dizer o meu ‘sim’. Viver imersa em Jesus Abandonado faz-me sentir muito feliz.” (...)

“Parece-me que está a chegar o momento da minha “partida”. Só de pensar que poderei partir em breve, sinto-me verdadeiramente como Jesus Abandonado, mas é mesmo por isso que estou feliz. Não me canso de repetir que está n’Ele a minha alegria e para mim não foi certamente em vão aquele Seu grito na cruz de Dor / Amor que encheu o Céu e toda a Terra.”

A Emmaus respondeu-lhe de imediato: **«Obrigado pelo teu maravilhoso testemunho. A doença não te apanhou impreparada. Os muitos anos de fidelidade a Jesus Abandonado ajudam-te a ver em cada circunstância a Sua presença de amor. Continua a viver este período abandonada n’Ele e grata pelos seus dons. (...) Peço a Nossa Senhora que te faça experimentar a Sua presença que dá força e ilumina o caminho. (...) Fico contente por saber que a família da Obra leva contigo todos os pesos. Abraço-te e agradeço a tua oferta pela Obra que certamente será acolhida no Céu.»**

Partiu serenamente para o Paraíso, rodeada por toda a sua família, no sábado dia 12 de Abril. As missas que se seguiram, celebradas pelo seu irmão Miguel – sacerdote jesuíta - e o funeral para o qual acorreram centenas de pessoas, foram um autêntico testemunho do que foi a sua vida: Fogo do Amor de Deus. Como disse uma das suas irmãs: **«A Constança tinha um coração do tamanho do mundo»**. E o seu irmão jesuíta: **«a sua tenacidade no amor a Jesus Abandonado, fizeram-na sempre vencer»**. O seu corpo foi sepultado no cemitério da Abrigado ao lado da Cidadela. Temos a certeza que Maria, no Céu, acolheu a Constança de braços abertos e a Constança, quem sabe, ter-Lhe-á cantado o seu «Fado»!

Teresa Guedes

